

HOMEM RICO, HOMEM POBRE (psicologia duma nação)

Mário Cabral, Casa das Tramóias, Epifania, A.D. 2006

Soares odeia Cavaco. Cavaco é a prova real de que os ideais de esquerda de Soares nada têm a ver com a existência burguesa de Soares. Toda a vida pública do burguês Soares foi no sentido de promover gente do povo como Cavaco. Porém, ao tomar por certa a vitória de Cavaco, Soares horroriza-se com o facto de ele, o senhor, ser preterido em função do escravo.

Soares gosta de dizer que é de esquerda. De Cavaco diz-se que representa a direita. Associa-se esquerda à defesa dos pobres e direita à defesa dos ricos. E, no entanto, o burguês é Soares e o filho do povo é Cavaco. Burguês, cosmopolita, mundano; povo da província, campónio.

Cavaco é um pequeno do Algarve que passava as férias a cavar. É o típico filho bem sucedido do povo: orgulha-se de ter conseguido chegar aos lugares cimeiros da academia e da nação. Isto exigiu muito esforço e muita poupança e, por certo, muita humilhação. Cavaco acredita no trabalho e na seriedade estóica e pretende ver seguido o seu exemplo de *self-made-man*.

Soares é um menino bem-nascido na capital do Império. Sente-se insultado com a falta de cultura política de Cavaco, esquecendo-se que as energias de Cavaco estavam todas viradas para a ascensão social, enquanto Soares já tinha herdado este trampolim. Sabemos que Soares foi preso e etc., ele não nos deixa esquecer-lo. Sabemos que esteve em França, a desenvolver a sua cultura. Mas não devemos Portugal a Soares.

Ao ver a ira de Soares é impossível não recordar Marx: a democracia é a ideologia da burguesia. A ideologia é a fantasia que a classe do poder elabora para enganar as classes oprimidas, de modo a manter-se no poder. Marx explicita: a burguesia garante que todos são iguais face à lei... no entanto, as diferenças são indisfarçáveis...

Pessoas como Cavaco desenvolvem um faro todo especial para este tipo de mentiras. Sabem distinguir entre o caroço e a pele e, quando são puras de coração, explicitam a verdade e falam da importância do dinheiro. Nada mais desagradável para os burgueses do que o cheiro do dinheiro novo; recordam-se do tempo em que não passavam de lambe-botas da aristocracia.

Soares levou uma vida inteira a conter-se; tem escola, é de facto fino. Na altura em que foi Presidente portou-se como um monarca e o hábito faz o monge. Agora, que está de facto velho, não tem pachorra para os disfarces, o que é típico do amadurecer. Bernard Shaw tem aquela máxima que garante que a um burguês aos vinte anos fica bem ser comunista... mas aos oitenta!

Soares não consegue aguentar: Cavaco, segundo ele, só lê dossiers, nem é culto nem tem conversa nos salões metropolitanos da Europa burguesa. Sempre foi assim em Portugal, desde os amigos dele, os das conferências do Casino: os socialistas, a esquerda intelectual, sempre foi estrangeirada, sempre se envergonhou daquilo que nem têm por cultura, por mais português que seja.

Soares não consegue aguentar: Cavaco não visita exposições, não é visto nos lançamentos, não frequenta os salões da duquesa de Guermantes. Soares não explica porque é que um presidente de uma república democrática tem de ser culto. Deve supor que é evidente, mas não é. Que deva ser um homem bom, é evidente; mas um homem bom não é necessariamente culto. E será Soares culto ou mundano? E será Cavaco assim tão bárbaro?

A cultura socialista promove o aborto, a eutanásia, a prostituição, o casamento de homossexuais e respectiva adopção de crianças... e valores intelectuais burgueses deste quilate. Estes podem ser valores defensáveis, mas também podem perfeitamente ser tomados por decadência do império burguês. O que enerva Soares talvez seja a cultura popular de Cavaco, à qual ele chama economicista.

Efectivamente, o povo preocupa-se mais com o pão-nosso de cada dia do que com as variantes do deboche burguês. Tem de se preocupar, visto não ter bens. Não é que uma pessoa deva permanecer no patamar da economia; a seguir, há o da política e, depois, o da cultura. Mas também não é verdade que o povo não tenha cultura. Soares até dança com as campónias lá da terra de Cavaco. O que enerva Soares talvez seja a cultura popular de Cavaco, à qual ele chama economicista.

Soares está convencido, no entanto, de que quem está a enganar o eleitorado é Cavaco. Diz Soares que Cavaco está equivocado, concorrendo a Presidente pensando como Primeiro-ministro. Garante Soares que o Presidente nada pode fazer... ele lá sabe. Certo é que o Presidente avalia o desempenho dum governo. Talvez desse jeito a um Primeiro-ministro socialista ter um Presidente socialista sénior e pachorrento – embora não seja clara a preferência de Sócrates.

Soares gosta de dizer que é de esquerda. De Cavaco diz-se que representa a direita. Associa-se esquerda à defesa dos pobres e direita à defesa dos ricos. Mas se a definição não for económica mas, seguindo Soares, cultural, então os pobres são de direita e os ricos são de esquerda. O povo é conservador por natureza e a burguesia, quanto mais alta, mais de vanguarda atrevida.

É impressionante que muito povo vote à esquerda, quando a esquerda se lhe opõe assim tão explicitamente, quando tão explicitamente o povo se opõe à cultura decadente da burguesia. Já o contrário sempre foi compreensível, pelo menos desde a decadência do império romano: é o *tedium vitae* dos que têm tudo menos empenho para lutar. *Spleen*, lhe chamaram os românticos tardios, entre eles, alguns franceses do gosto de Soares.

A fazer fé num princípio de Soares, o povo vota sempre bem. Não é tão claro quanto isto, mas oxalá que desta vez ele tenha razão. Soares começa a barafustar contra os meios de comunicação social que, doutro ponto de vista, não podem ser mais socialistas. Soares odeia Cavaco porque, no seu íntimo, Soares tem a certeza de que Cavaco vai ser o mais votado.

Soares deveria estar congratulado com a vitória de Cavaco; não foi para que o povo tivesse a mesma igualdade de direitos e atingisse o mesmo nível social da burguesia que Soares sempre batalhou? Mas o socialista Soares, o laico Soares, o republicano Soares aprendeu o significado profundo daquele ditado popular oriental: «Teme o que desejas pois, mais cedo ou mais tarde, há-de realizar-se». O burguês tem a certeza que chegou a sua hora.

Quem deve estar muito feliz é Sócrates. Sócrates é neto de Cavaco, filho de Manuela Ferreira Leite. Os socialistas verdadeiros, como é o caso de Manuel Alegre, não sabem o que fazer com a evidente social-democracia do actual Primeiro-ministro. Só quem é cego é que não vê a gravata laranja em vez da suposta rosa.

Mas não deveriam estar tão preocupados os socialistas: tal como sempre, também aqui, a terceira geração tende à queda moral: se é um facto que Sócrates guarda traços do seu avô (no tratamento das questões económicas), também é verdade que, nascido já na abundância da classe do poder mundano, revela valores da tal burguesia intelectual, ou culta, “à *lá française*”.

Esperemos que o avô lhe recorde os bons ares da província portuguesa. Entretanto, perdidos à rua, Soares há-de voltar a criticar Sócrates, como fez com Guterres, não desmerecendo os jantares do Presidente. É uma questão de moda e era o que se usava entre os meninos finos dos anos 60: dizer que eram de esquerda e que ser de esquerda era defender os pobres e oprimidos, embora não fossem cristãos. Mas o que interessa mesmo é continuar a frequentar os salões da duquesa de Guermantes.